

Vida e carreira de professoras no bairro Cidade da Esperança: narrativas construídas entre oralidade e fotografia (1966-1996)

Teachers' Life and Career in the Neighborhood Cidade da Esperança: Narratives Built Between Orality and Photography (1966-1996)

Marianna Carla Costa Tavares*

Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto**

Maria Inês Sucupira Stamatto***

RESUMO

Este estudo aborda o entrelace das fontes orais e visuais para a compreensão das trajetórias docentes de professoras do bairro da Cidade da Esperança, construído em Natal, Rio Grande do Norte, no ano de 1966. Os objetivos são estabelecer relações entre as fontes orais e imagéticas e, por meio do cruzamento dessas fontes, realizar uma associação à discussão acerca do trabalho docente vivido pelas primeiras professoras da Cidade da Esperança. Utilizamos a história oral e entrevistas públicas, como aporte teórico-metodológico. Percebemos que pensar a educação a partir da história de vida de professoras permite-nos refletir sobre a formação de professores, a partir da perspectiva daquelas que a fazem cotidianamente. O cruzamen-

ABSTRACT

This study discusses the relations between oral and visual historical sources to understand the teaching trajectory of female teachers in the neighborhood of Cidade da Esperança in 1966. The aim is to establish connections between oral and visual sources and, through this intersection, associate them with a discussion about the teaching work experienced by the first group of teachers of Cidade da Esperança. We used the Oral History method and public interviews. It was observed that examining education through the life stories of teachers allows us to reflect on teacher training from the perspective of those who engage in it daily. The intersection between photographs and narratives enabled us to move beyond a perspective focused

* Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), University of Luxembourg (UNILU), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. mariannaatavares@gmail.com <<https://orcid.org/0009-0003-9731-9009>>

** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. alinydayany@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-8998-2343>>

*** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Sorbonne, Université de Québec a Montreal (UQAM), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. stamattoines@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-7486-9951>>

to entre as fotografias e narrativas possibilita ir além de uma visão focada em documentos oficiais, além da visão do Estado. Concluimos que a história de vida das professoras e suas narrativas podem revelar detalhes acerca da construção da identidade docente, destacando a importância da coletividade e da comunidade na formação e na prática docente.

Palavras-chave: História oral; Narrativas docentes; Histórias de vida.

solely on official documents, transcending the state's viewpoint, for instance. We concluded that the life stories of the teachers and their narratives reveal the nuances of the construction of teachers' identities, highlighting the importance of collectivity and community in teaching formation and practice.

Keywords: Oral History; Teaching Narratives; Life History.

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto.

(Larrosa, 2014, p. 4)

As experiências das professoras do bairro da Cidade da Esperança foram narradas a partir de suas memórias e reverberam em nossa atuação enquanto professoras e pesquisadoras. Suas narrativas do vivido tornaram-se tremor e acabaram por cair em nossas mãos. Inspiradas em Larrosa (2014), pretendemos dar forma ao tremor da experiência docente e transformar as narrativas dessas professoras em canto.

Para isso, o aporte teórico-metodológico tem como base primordial a história oral, aqui entendida como a arte da escuta, conforme define Portelli (2016), tendo em vista que, para construir a fonte oral, é necessário ouvir atentamente o que as narradoras têm a dizer e permitir-se sensibilizar pelas suas palavras. Nessa perspectiva, a finalidade da entrevista não é apenas construir uma fonte, mas sim, construir uma relação entre o pesquisador e aquelas pessoas que irão contar suas histórias, uma relação colaborativa.

As narradoras foram Celeste Maria Morais de Abreu, Ana Maria Albuquerque, Maria Elsa Marques Costa e Maria Eunice de Carvalho Tavares.¹ Elas trabalhavam como professoras alfabetizadoras em diferentes instituições do

bairro de Cidade da Esperança (Natal-RN), como a Escola Municipal Celestino Pimentel e as Escolas Estaduais Raimundo Soares e Monsenhor Mata.

A Cidade da Esperança foi o primeiro conjunto habitacional do Rio Grande do Norte e está localizado na cidade de Natal. Ele foi construído para “uma população que há pouco morava na zona rural, e que atraída pelo acelerado crescimento da cidade e as péssimas condições do campo, resolveram se mudar” (OLIVEIRA, 2003, p. 22). Foi destinado, com isso, às pessoas que estavam saindo do interior para a cidade em busca de melhores condições de vida e que moravam em bairros adjacentes, de aluguel. Durante a campanha eleitoral de 1960, essas pessoas foram apelidadas, pela grande mídia e pela elite natalense, de “gentinha” (TRIBUNA DO NORTE, 2006). A iniciativa da criação desse bairro popular partiu do Plano de Habitação Popular, visando reverter o déficit habitacional na cidade, tendo sido abertamente utilizado como instrumento de campanha eleitoral durante o governo de Aluizio Alves.

O objetivo deste trabalho é estabelecer relações entre fontes orais e fontes imagéticas e, por meio do cruzamento dessas fontes, associá-las a uma discussão acerca do trabalho docente vivido pelas primeiras professoras da Cidade da Esperança. Portanto, o presente artigo aborda as narrativas das professoras e as imagens relacionadas à comunidade. Suas narrativas falam sobre suas experiências e histórias de vida. A partir delas, iremos refletir sobre seus saberes e práticas, compreendendo-as como protagonistas de suas próprias histórias.

Por vezes, professores não são colocados no centro das pesquisas. Goodson (2022) aponta que existem muitas investigações no campo da educação que fornecem prescrições aos professores; no entanto, destaca uma quantidade menor de pesquisas construídas em colaboração com os professores. Nesse sentido, ao optar por utilizar a história oral, nos posicionamos em relação à construção de uma pesquisa colaborativa, na qual consideramos as professoras coautoras nesse processo de produção de conhecimento.

A partir das narrativas, é possível trazer reflexões acerca da prática docente e da atuação das professoras no bairro da Cidade da Esperança, cruzando a oralidade com outras fontes e fatos históricos do contexto da época. O trabalho com as narrativas autobiográficas das professoras, expressas em entrevistas de história oral de vida, permite essas reflexões, pois as experiências pessoais estão diretamente ligadas à prática docente, como afirma Goodson

(2022). É a partir das experiências que é possível ampliar o foco da pesquisa acerca da atividade docente.

Ana Maria Albuquerque, professora aposentada do Estado e do município de Natal, atuou como professora na Cidade da Esperança desde 1967, ao final do primeiro ano do bairro. Inicialmente, ela atuou como professora polivalente na Escola Estadual Raimundo Soares e, em seguida, na Escola Municipal Celestino Pimentel. Durante sua carreira, atuou tanto como polivalente quanto como professora de Língua Portuguesa, pois fez o magistério na Escola Normal de Natal e sua graduação em Letras Português. A professora Ana Maria relatou com detalhes sua trajetória de vida e finalizou falando como sua profissão foi importante para lhe proporcionar dignidade. Ela relembrou que gostaria de ter estudado mais, realizado mais, mas se sente realizada com a profissão que escolheu.

Maria Eunice de Carvalho Tavares foi professora na Cidade da Esperança desde a fundação da primeira escola, a Estadual Raimundo Soares, onde iniciou como professora, mas também foi coordenadora e vice-diretora. Além disso, ela atuou em outras instituições do bairro e relembrou com carinho que estava na fundação da Escola Municipal Celestino Pimentel. Normalista, professora do primário e pedagoga, a professora Maria Eunice teceu comentários acerca de suas memórias com carinho, lembrando alunos e amigas. Finalizou dizendo que viveria tudo novamente, exatamente do mesmo jeito.

Maria Elsa Marques Costa compartilhou sua narrativa com humor, lembrando momentos marcantes de sua carreira e história de vida, a partir da arte, dos eventos e do artesanato, ofício que segue até os dias atuais. Hoje, se apresenta como professora aposentada e artesã. Nascida em Ceará-Mirim, veio para a capital (Natal-RN), para ser professora antes mesmo de iniciar a Escola Normal. Atuou na Cidade da Esperança desde 1966, na Escola Estadual Raimundo Soares e na Escola Municipal Celestino Pimentel. Finalizou sua narrativa expondo o orgulho que sente de todas as suas filhas serem professoras, bem como sua neta.

Celeste Maria Morais de Abreu é uma professora aposentada que reside na Cidade da Esperança há mais de cinquenta anos, desde a fundação do bairro. Ela se mudou para lá cinco anos após a fundação, vinda da Cidade Alta em busca da casa própria. Celeste trabalhou como professora em diferentes instituições do bairro, entre elas o Sossego da Mamãe e a Escola Municipal Celes-

tino Pimentel, ingressando no serviço público no mesmo período que suas colegas Elsa e Eunice. Ela descreve seu dia a dia como professora como agitado e cheio de afazeres, com a necessidade de continuar trabalhando em casa, organizando atividades e planejamentos.

Para estabelecer as reflexões sinalizadas, o texto está dividido em três partes. Inicialmente, realizamos uma discussão teórica acerca da imagem e da oralidade como fontes históricas, enfatizando a importância do cruzamento de fontes (THOMPSON, 2002). Em seguida, cruzamos trechos das narrativas das professoras e imagens, para fins de reflexão sobre as suas trajetórias no bairro da Cidade da Esperança. Por fim, tecemos algumas considerações acerca de como foi construída a relação entre as professoras e a comunidade no período de 1966 a 1996, desde o início do referido bairro.

O CRUZAMENTO ENTRE AS FONTES ORAIS E FOTOGRÁFICAS

A história oral é definida de diferentes formas por autores diversos. Delgado (2017) a concebe como um procedimento metodológico que, a partir de múltiplas dimensões, constrói fontes e documentos por meio de registros de narrativas, testemunhos e versões sobre a memória. Assim, leva em consideração que esses processos são contraditórios e estão inseridos em um contexto histórico, cultural e social. Já para Meihy (2005), a partir de uma perspectiva material, a história oral pode ser definida como “gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalha os procedimentos” (p. 17).

No entanto, o viés técnico é apenas uma das formas de conceituarmos a história oral. Sendo assim, Meihy (2005) discute diferentes conceitos que contemplam desde a produção das narrativas até os procedimentos necessários para fazermos história oral e como uma alternativa para estudarmos a sociedade. Corroborando essa perspectiva, Portelli (2016) traz uma visão mais abrangente da história oral, na qual ele compreende que ela não se limita apenas aos eventos que descreve ou a um conjunto de métodos. Abrange o contexto e o significado dos eventos na vida dos narradores, resultados de um diálogo no encontro que ocorre entre quem narra e quem escuta. Portanto, a história oral como arte da escuta (PORTELLI, 2016) é uma compreensão na qual as narrativas estão diretamente ligadas a uma escuta atenta e respeitosa.

De acordo com David Lowenthal (2015), a consciência do passado está fundada na memória. Assim, é por meio das lembranças que é possível ter consciência dos acontecimentos. Portanto, o uso da metodologia de história oral está integrado à produção de conhecimento, por ser uma forma de registrar “versões de diferentes personagens históricos sobre suas vidas e sobre sua integração no processo constitutivo da História” (DELGADO, 2017, p. 61). Sendo assim, a fonte oral é uma fonte de memória, ou seja, “registros resultantes de experiência humana específica: aquela que envolve uma trama de tempos que ligam o passado ao futuro” (MAUAD, 2018, p. 36). Para Mauad, o uso de fontes orais apresenta um desafio àqueles que fazem pesquisa em história:

[...] o uso de outras linguagens para compor uma nova narrativa histórica que dê conta da dimensão intertextual estabelecida entre palavras e imagens. Em primeiro lugar, há que precisar como essa relação se fundamenta no trabalho de pesquisa histórica. Assim, as fontes orais e visuais – fotográficas, filmicas e pictóricas, tomadas como fontes de memória – associam-se aos processos de rememoração que criam narrativas sobre um determinado tempo e espaço passados. (MAUAD, 2018, p. 36)

Para este artigo, selecionamos quatro entrevistas feitas com as professoras da Cidade da Esperança. As entrevistas de Maria Eunice e Maria Elsa foram realizadas no formato de entrevista pública, na perspectiva de construir a fonte oral com as narradoras e com o público (SANTHIAGO, 2016). Nessa perspectiva, o público pôde fazer perguntas e interagir com as narradoras enquanto as temáticas iam surgindo em suas narrativas. Já as entrevistas com Maria Celeste e Ana Maria foram realizadas individualmente, na casa das narradoras, por escolha delas.

É importante salientar que nas duas formas de realizar a entrevista, seguimos os caminhos metodológicos da história oral (MEIHY, 2005; PORTELLI, 2016). Desse modo, após o contato inicial, explicamos as duas formas de realizar a entrevista e as participantes tiveram a possibilidade de escolher como ficariam mais à vontade. Inclusive em relação à gravação de áudio ou vídeo. Deixá-las à vontade é um dos princípios éticos básicos para a realização da entrevista, é uma forma de respeito com aquelas que estão narrando suas memórias. Portanto, é importante evidenciar que realizamos as entrevistas com cuidado e respeito com as narradoras e, principalmente, com ética. É a partir

desse momento que é possível dar visibilidade e “amplificar” as falas de pessoas que não foram ouvidas durante muito tempo. Nessa pesquisa, essas pessoas são as professoras, que embora tenham trabalhado a vida inteira tendo a voz como principal instrumento de trabalho, têm suas vozes silenciadas em diferentes contextos, especialmente sendo mulheres.

Nessa perspectiva, ouvimos cuidadosamente as narrativas das professoras, realizando uma escuta sensível (PORTELLI, 2016), a partir da qual ouvimos as falas com atenção, mostrando interesse e deixando-as falar à vontade, sem cortá-las ou desestimulá-las em suas reflexões. Nesse momento, propusemos um diálogo aberto, no qual a fonte oral estava sendo construída em uma perspectiva de “autoridade compartilhada” (FRISCH, 2016). Em concordância com o autor, a partir da entrevista, estabelecemos um diálogo acerca das experiências das narradoras, ou seja, concordamos que:

Em uma entrevista de história oral, em uma discussão de grupo ou em um programa público, mesmo no modo como os indivíduos se aproximam, se envolvem ou recebem a exposição em um museu, há um encontro de ideias e estruturas interpretativas, um diálogo entre *expertise* e experiência. Em uma boa medida, cada participante é em parte coautor da entrevista ou da discussão, e até coautor da exposição recebida, em vez do significado projetado. (FRISCH, 2016, p. 62)

É possível realizar o cruzamento entre as fontes, para compreensão e análise detalhadas acerca das histórias de vida das professoras e suas relações com a comunidade. Para isso, recorreremos a alguns princípios da leitura de imagens e do uso da fotografia como fontes históricas. Santaella (2012) argumenta que, ao realizarmos a análise da imagem, devemos ir além da intuição e da leitura “espontânea” que fazemos no dia a dia. Essa leitura envolve uma série de aspectos que são importantes de serem considerados, sendo eles: a técnica da fotografia e o contexto histórico e temporal de quando foi produzida.

Mauad (2018), ao discutir sobre a experiência e trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI), traz o embasamento teórico-metodológico do laboratório, especificamente sobre história oral, a intertextualidade entre as fontes e a história pública. A referida autora defende que as fontes orais e visuais possam ser cruzadas, a partir de uma intertextualidade, a qual perpassa todas as fontes e permite uma associação entre elas. Em sua perspectiva, um texto só pode ser lido a partir de

outro, de modo que a partir do entrelace de imagens e palavras será analisado a partir da intertextualidade. Ela define esse conceito da seguinte forma:

[...] o conceito de intertextualidade compreende os textos históricos como campos de significação, resultantes de práticas sociais de produção signíca, envolvendo um processo contínuo de disputa pelos sentidos socialmente aceitos como válidos. Dessa forma, há que se considerar a lógica do relacionamento intertextual que é pautada pelas condições históricas dos sujeitos sociais produtores de textos e discursos. (MAUAD, 2018, p. 35)

Dessa forma, é a conexão entre as fontes que irá atribuir sentido a elas. A intertextualidade, realizada por nós, é a análise a partir da conexão entre o contexto, reflexões e diferentes fontes de memória. Para realizar a interpretação das imagens, Santaella (2012) argumenta que é importante adquirir conhecimentos, bem como desenvolver uma certa sensibilidade. Ela discute que o ato de fotografar já é uma seleção, portanto, não é neutro, pressupõe uma escolha que foi feita, seja o ângulo, a distância ou o recorte do que aparecerá ou não. Assim como, ao analisar, refletimos conforme as nossas concepções teóricas e com nosso objeto, o que significa que o processo de produção do conhecimento não é neutro, exigindo um posicionamento e escolhas de abordagens teórico-metodológicas acerca das fontes e do fato histórico para realizar a pesquisa, nesse caso, sob o viés da história cultural.

Lobo (1987) argumenta que foi desenvolvida uma percepção de que a fotografia seria mais um processo mecânico, no entanto, não é o que acontece; o ato de fotografar envolve uma série de fatores, como: iluminação, ângulo e tempo de exposição. Desse modo, argumentamos que, assim como a escrita, a fotografia necessita necessariamente de uma pessoa que execute e imprima suas marcas, ou seja, valores e crenças.

Portanto, é importante levarmos em consideração a identidade do fotógrafo, bem como os motivos que o levaram a fotografar um espaço específico, quais os seus vínculos, entre outras informações importantes para a avaliação da imagem. A referida autora argumenta que pode existir uma relação de subordinação da produção do fotógrafo com o contratante, de modo que é importante levarmos em consideração a intenção e os interesses políticos e sociais do contratante, bem como o próprio espaço que reservaram para a fotografia.

No contexto vivido atualmente, a sociedade está imersa em um mundo de imagens. Assim, é importante refletirmos sobre o impacto das fotografias, pois, a foto produz um sentimento em quem a vê, que pode ser imperceptível ou intenso e deve ser considerado para análise, não de forma espontânea.

Indo ao encontro dessa concepção, defendemos, conforme Borges (2003), que fontes escritas, orais e visuais têm igual importância no trabalho do historiador, contribuindo para ampliar, diversificar e iluminar novos objetos de pesquisa. A imagem é uma linguagem que não é nem verdadeira, nem falsa, e sua representação do mundo varia segundo os códigos culturais de quem a produz. De modo que concebemos como representação a construção feita a partir do real, conforme define Pesavento (2012), as representações “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo” (p. 34).

Compreendemos, conforme Borges (2003), que o documento é um fragmento da realidade influenciado pelas intenções explícitas e ocultas de seus produtores, e a narrativa histórica enfatiza as versões sobre os fatos, que podem até mesmo produzir novos fatos. Sobre o documento histórico, discute que:

O documento se apresenta como fragmento do real que nos chega por meio das intenções explícitas e ocultas, voluntárias ou involuntárias de seus produtores. [...] a ênfase da narrativa histórica se desloca do fato para as versões sobre o fato. Em muitas situações, essas versões podem produzir outros fatos. (BORGES, 2003, p. 81)

Assim, enfatizamos que tanto a contextualização da imagem quanto o cruzamento com diversas fontes são primordiais na análise e leitura de imagens, sendo formas de suprir lacunas que surgiriam com qualquer outro tipo de documento, uma vez que não existe um documento que nos diz tudo o que há a ser dito sobre um objeto.

Desse modo, concebemos que, para ler uma imagem, é necessário compreender os códigos ou signos que remetem a uma lógica de significados de uma época específica, bem como que a imagem permite conhecer algo e produzir emoções em quem a vê (Pesavento, 2012). Sendo importante destacar que, ao utilizá-las como fonte, devem ser feitas perguntas às imagens que permitirão que o pesquisador as veja como traços do passado.

Em suma, ver como uma época se retrata ou retrata o passado, se for o caso, ou ver, na imagem, quais os valores e os sentimentos que se busca transmitir, quais os sonhos e fantasias de um tempo dado, ou quais valores e as expectativas do social com relação aos autores. (PESAVENTO, 2012, p. 81)

De modo geral, lidamos com diferentes fontes coletadas na produção do conhecimento em história da educação e na pesquisa, com a premissa de realizar uma análise, e compreensão crítica, que vá além de “verdades” preestabelecidas. É importante questionarmos, investigarmos e compreendermos que a fonte, seja ela qual for, será sempre um olhar presente sobre um acontecimento passado (VIDAL; SILVA, 2020). Assim, corroboramos com as referidas autoras e com Pesavento (2012), quando ela argumenta que a imagem tem um valor documental no contexto da pesquisa histórica.

Sabemos que a fotografia possui algumas limitações, assim como qualquer outra fonte, enquanto depende do enfoque do autor, necessita de informações que esclareçam o conteúdo e isso nem sempre é possível (LOBO, 1987). Em contrapartida, o conhecimento prévio que obtivemos em fontes diferentes, relacionados ao objeto de pesquisa, irá permitir uma análise de informações mais profundas, bem como uma contribuição para novos conhecimentos na história.

Assim como Lobo et al. (1987), consideramos que a fotografia, embora frequentemente vista como um reflexo objetivo da realidade, é, portanto, produto de intenções e escolhas. Ou seja, trata-se de um registro de um momento específico, capturado com uma intencionalidade, por alguém. Dessa forma, a fotografia não é simplesmente o retrato fiel de uma fração da realidade, mas sim um documento criado a partir de decisões e questões específicas.

Na pesquisa com toda e qualquer fonte que analisamos, devemos atentar para as contradições e acontecimentos por trás daquela fonte. Seja qual for a fonte, ela não será tratada como uma verdade, mas, sim, como uma representação da realidade. A fonte a qual temos acesso é apenas uma peça do passado, não contém toda a sua história.

É importante relacionarmos a história com a história da educação, sendo imprescindível que fiquemos atentas para as nuances que envolvem o passado, ou seja, às disputas, emoções, tensões e negociações que têm uma relação direta com essa construção de significados. É imprescindível considerarmos até

mesmo por que esses documentos foram guardados até hoje e outros não, por exemplo (VIDAL; SILVA, 2020).

Tudo que encontramos em relação à fonte é um dado, inclusive gestos, emoções e tentações vividas. O silêncio, as seleções, as surpresas e os imprevistos estão presentes nos arquivos e interferem substancialmente em todos os momentos de pesquisa e análise. Para Vidal e Silva (2020), tanto os documentos quanto o próprio processo de arquivamento devem ser questionados por nós, pesquisadores.

Nessa perspectiva, consideramos que a história cultural, ao direcionar o interesse para a trajetória do indivíduo, não apenas com grandes nomes da história, mas na história de pessoas comuns, que vivem em um contexto marcado por tensões e opressões sociais relacionadas a gênero, raça, etnia e/ou classe social, possibilita o surgimento de novas fontes e novos arquivos, indo além de fontes oficiais e possibilitando a análise de fotografias, planos de aula, anotações e da própria fonte oral.

Os documentos encontrados podem ser relacionados a outras fontes, inclusive, reiteramos, com base em Vidal e Silva (2020), que quando associadas a outros documentos, as fontes ganham um novo significado. No entanto, a interpretação dependerá de dois fatores: princípios da arquivologia e da compreensão e entendimento que os projetistas do arquivo tiveram dele. Para Pe-savento (2012), tudo pode se tornar fonte para a história, a depender da pergunta que fazemos enquanto pesquisadores. Nessa perspectiva, as narrativas e imagens foram utilizadas numa perspectiva histórica, enquanto para analisá-las foram feitas perguntas e reflexões relacionadas ao contexto e à época em questão, como exploraremos na próxima seção.

NARRATIVAS E FOTOGRAFIAS DAS PROFESSORAS

Refletirmos sobre as condições de sobrevivência de determinado documento também pode trazer contribuições, uma vez que eles podem ser guardados por diferentes fatores. Vidal e Silva (2020) argumentam que um dos fatores que leva à preservação do documento é o valor da prova. Isso faz com que documentos oficiais como “registros de alunos, escolares, documentações de emprego” sejam mantidos, mas redações ou planos de aula, não. Esse mesmo princípio se aplica aos arquivos pessoais, nos quais documentos como cer-

tidões de nascimento ou recibos são preservados, enquanto arquivos cotidianos não são guardados. Outro fator é o sentimental; por exemplo, fotografias, correspondências, diários são objetos possíveis de encontrar em arquivos.

As professoras, que narraram suas trajetórias de vida nas entrevistas, trouxeram fotos para ilustrar e/ou demonstrar as histórias que estavam contando. Essas fotografias foram guardadas, principalmente, pelo fator sentimental, para que pudessem lembrar momentos do vivido. Nesta seção, trazemos algumas reflexões ao realizar cruzamento dos dados das fotografias com as narrativas das professoras, compreendendo a fotografia para além de uma ilustração, ou seja, como fonte histórica.

Durante as entrevistas, as professoras lembraram sua trajetória de vida com carinho e apreço, principalmente ao falar da comunidade escolar – colegas, famílias e estudantes – a qual chamaram, por vezes, de uma “grande família”. Goodson (2022) traz alguns relatos ao discutir sobre os dias vividos na escola e argumenta que professores aposentados tendem a falar de forma parecida sobre sua trajetória profissional e geralmente trazem uma perspectiva de uma vida profissional feliz e harmoniosa. No entanto, observamos que, apesar de as professoras trazerem essa perspectiva, elas trouxeram dificuldades e problemas que enfrentaram, sobretudo quando o bairro Cidade da Esperança ainda estava em seus primeiros anos de funcionamento.

Nessa perspectiva, trazemos a Imagem 1, a qual foi cedida pela professora Elsa Marques. Ao mostrar essa fotografia, ela apontou para as pessoas presentes, falando sobre como todos interagem na comunidade: as professoras, a diretora, as supervisoras e todos da comunidade escolar.

Nessa fotografia, estão as professoras da Escola Estadual Raimundo Soares. Na parte de trás, é possível ver o muro ainda em construção. Ao iniciar os estudos sobre a Cidade da Esperança, consideramos a pesquisa de Oliveira (2003), que percebeu que as pessoas desse bairro faziam mutirões para construir espaços de uso coletivo, como escola e áreas de lazer. Nas narrativas das professoras, elas trouxeram um pouco dessa coletividade, tanto falando sobre a construção do muro da instituição quanto na vida atual.

A senhora Ana Maria Albuquerque trouxe em suas memórias como era quando a instituição Raimundo Soares não tinha o muro, explicando que escola e rua se misturavam, causando alguns problemas.

Imagem 1 – Professoras da Escola Estadual Raimundo Soares (1967)



Fonte: Acervo pessoal de Maria Elsa Marques.

Era assim, a escola não tinha nem muro. Era a escola e a rua. Ninguém prendia aluno em canto nenhum. O aluno vinha por todos os lados, entrava na escola. De lá, de cá. Tinha porta principal, mas a escola era um descampado. Era ali... tinha a caixa d'água. A gente vinha por debaixo, entrava por ali... Quem morava num lado... Depois que foi construído o muro. (ALBUQUERQUE, 2023)

Sem recursos, a alternativa encontrada foi convidar a comunidade para participar da construção do muro. Nas narrativas, essa participação aparece de diferentes formas, sendo elas: 1) na construção do muro, de fato; 2) na arrecadação dos materiais; 3) no fornecimento de alimentação para a população.

Nas memórias de Maria Eunice, ela contou que, ao ser construído o muro, a diretora, Dona Terezinha, iniciou uma campanha para que levassem o que fosse necessário. Com humor, ela relembra que alguns alunos foram às casas que estavam em construção e pegaram os tijolos para ajudar no muro.

Mas tudo deu certo, a gente sempre contou muito com o apoio da comunidade. Para você ter uma ideia, o Raimundo Soares quando foi construído, ficou solto, não tinha muro. Mas, a gente fez uma campanha, na verdade, a direção da escola

fez uma campanha pedindo que os alunos trouxessem tijolos. Deu até uns probleminhas aí, que os meninos carregavam os tijolos das construções. Mas, foram os pais, pedreiros, que construíram esse muro. (TAVARES, 2023)

Da mesma forma, Maria Elsa trouxe, em sua narrativa, as memórias da construção do muro. Ela enfatizou mais de uma vez que ele foi construído pela comunidade do bairro e detalhou um pouco mais sobre como aconteceu essa interação. Destacou o papel das famílias e da comunidade, além da contrapartida da escola, que ofereceu refeição para os trabalhadores, bem como descreveu como foi o processo de pedir alimentos pelo bairro, para a preparação desse almoço.

Então, Dona Terezinha, que era diretora, era muito envolvida, nós fizemos um mutirão com os pais. Os pais davam um dia de serviço e a gente dava o almoço, a gente passava o dia todinho no Raimundo Soares, e quem fez o muro do Raimundo Soares, foi a comunidade. (COSTA, 2023)

Nos três relatos, percebemos como a construção desse muro representou um papel de importância para a comunidade da Cidade da Esperança, enfatizando uma característica própria do bairro, os mutirões. A educação, especificamente a escola, desempenhou um papel fundamental nessa cultura estabelecida no bairro, pois, além da construção do muro, os galpões da Escola Municipal Celestino Pimentel foram construídos da mesma forma. Isso demonstra o envolvimento daquela nova comunidade que se formava, mas evidencia igualmente a ausência e omissão do Estado, que entregou a escola sem estar preparada para receber a comunidade escolar. Nas lembranças das professoras, no cotidiano, aparece constantemente a interação de arrecadação e ajuda entre toda comunidade escolar, envolvendo professores, pais, direção e crianças.

Se a gente pedisse, as pessoas traziam, eu me lembro disso. Eu já ia falar nos mutirões. Existiam mutirões, os pais iam, ajudavam. Pelo menos um dia, acho que até em reconstruir coisas que tivessem sido quebradas, se chamassem eles iam. (ALBUQUERQUE, 2023)

Nesse outro momento, a fala da professora vai ao encontro dessas reflexões, Ana Maria falou sobre os mutirões e a presença constante das famílias,

ajudando nos momentos que eram solicitados. Da mesma forma, a professora Maria Eunice falou sobre essa interação, enfatizando questões relacionadas à merenda.

Mas cada família que chegava eram amigos que a gente adquiria. Eles ajudavam muito, iam para a escola, se a gente pedisse qualquer coisa para a merenda, por exemplo. Naquele tempo, ela vinha em abundância, era aquela merenda que vinha dos Estados Unidos para aqui, da Aliança para o Progresso, então era tudo diferente para os meninos, eles não gostavam. Por isso, a gente pedia uma fruta, para fazer uma salada, pedia açúcar para colocar no leite, que não vinha, e eles traziam, mesmo sendo todo mundo muito pobre, éramos muito unidos, então tudo deu certo. A diretora do Raimundo, não sei nem se ela é viva, Terezinha Pereira, foi uma pessoa muito importante aqui nessa comunidade, ela levou aquela escola com muita garra. (TAVARES, 2023)

Essa interação, a partir da qual os familiares e a comunidade escolar se unem, é bastante característica desse início do bairro, há relatos da atualidade que demonstram como essa cultura continua presente até os dias atuais. A professora Ana Maria citou um momento recente no qual a ajudaram quando ela bateu o carro, por exemplo. A professora Celeste citou momentos no supermercado, quando seus antigos alunos a encontram. Relembrando o início da sua carreira, a professora Maria Eunice citou, ainda, momentos nos quais os alunos iam deixá-la na parada ou próximo à sua residência, especialmente caso estivesse tarde.

Eu trabalhei a noite no Raimundo Soares, eles iam me deixar em casa. Eles tinham um cuidado muito grande, um cuidado muito grande e a gente tinha por eles também. A gente, aqui no começo, formou uma família. (TAVARES, 2023)

Esses relatos vão diretamente ao encontro das ideias propagadas na mídia natalense sobre o bairro da Cidade da Esperança, uma vez que ele foi publicizado para tornar-se parte da campanha eleitoral de Aluizio Alves. O próprio termo esperança tornou-se diretamente ligado ao governador. Por exemplo, na edição de 12 de janeiro de 1966, Aluizio Alves aparece referido como “o governador da esperança”, o transporte era o “caminhão da esperança”. A construção da Cidade da Esperança foi associada à construção de Brasília em dife-

rentes manchetes e matérias da Tribuna, o que enfatiza o uso desse espaço como uma propaganda.

Com a inauguração da Cidade da Esperança, estará o Governador Aluizio Alves firmando um dos marcos principais de sua administração, pois que sua realização atingiu todos os setores e problemas do Rio Grande do Norte – econômicos, sociais e políticos. (TRIBUNA DO NORTE, 1966)

A Tribuna do Norte, jornal financiado pela família Alves, apresenta a Cidade da Esperança como um sonho que se tornou realidade. Uma visão romântica e otimista do bairro, que foi construído às pressas para ser inaugurado antes do fim do mandato de Aluizio Alves, mas, mesmo assim, eles trazem um ponto de vista que leva a entender que a região estava totalmente pronta para moradia.

Essa visão positiva exacerbada deve-se ao uso que o governador estava fazendo da construção do bairro, por meio do impresso. É possível perceber como o conjunto habitacional tornou-se parte da campanha de Aluizio Alves, sendo utilizado enquanto propaganda política. Segundo Araújo (2008), a intenção das reportagens desse jornal era mostrar a Cidade da Esperança como uma conquista para os trabalhadores, oferecendo-lhes a estabilidade e a oportunidade de ter uma casa própria. Para o referido autor, o governador utilizou esse momento para se aproximar do movimento sindical e trabalhista, uma vez que havia enfrentado inúmeras greves anteriormente. Araújo (2008) enfatiza que a construção do conjunto habitacional não foi apenas uma obra arquitetônica, mas, também, política.

Nesse periódico, o conjunto habitacional era representado como uma maravilha estética, baseado em princípios modernos, construído rapidamente – em “ritmo de Brasília” – e suficiente para silenciar a continuidade dos problemas de habitação, cuja crise chegava a 31% de pessoas sem casa própria, de acordo com estatísticas oficiais. Na Tribuna do Norte, o novo espaço era representado como uma iniciativa popular e de baixo custo para o comprador. Isso, esperava-se, revelava um governo preocupado com os mais humildes. (ARAÚJO, 2008. p. 19)

Em uma matéria publicada no dia 1º de janeiro de 1966, o jornal diz que a entrega das casas foi realizada pelo governador Aluizio Alves, explicitando

que estariam em boas condições para habitação e em completo funcionamento. Por meio de termos como “grande obra”, observamos como o jornal exalta a obra do governador, enfatizando a atuação dele e de José Dias como presidente da Fundação de Habitação Popular (FUNDHAP).²

Cerca de trezentos operários (pedreiros, ajudantes, pintores, eletricitistas, encanadores, etc.) trabalhando em vários turnos e acatando as mais diversas tarefas dão à Cidade da Esperança a tonalidade do “ritmo de Brasília”. É que na semana passada, rescindindo o contrato com a empresa ECEL, a Fundação de Habitação Popular resolveu concluir sua grande obra por administração direta. A Cidade da Esperança estará pronta para ser inaugurada pelo governador Aluísio Alves no dia 30 do corrente. Impreterivelmente. O presidente da FUNDHAP, Dr. José Dias, pessoalmente está comandando aquele exército de operários, dando um expediente integral no próprio local das obras. São 560 casas que serão entregues a 560 famílias e que estarão com todas as condições de habitabilidade funcionando até o próximo dia 30. (TRIBUNA DO NORTE, 1966)

O trecho “notadamente a ‘querida gentinha’ para quem o governador Aluísio Alves construiu a Cidade da Esperança”, dito ao final da mesma matéria, bem como a ênfase na construção da Cidade da Esperança por parte de Aluísio Alves, denotam uma clara estratégia de propaganda política. O uso do termo “querida gentinha” sugere até mesmo uma tentativa de criar uma conexão com a população, apresentando o governador como um líder próximo e preocupado com as necessidades do povo, sendo uma narrativa que busca reforçar a imagem de Aluísio Alves como alguém que trabalha pelo bem-estar dos trabalhadores. Para além de uma estratégia populista, compreendemos que esse uso do jornal tinha o objetivo de criar essa visão de um governador muito próximo do povo.

Assim, consideramos que as narrativas das professoras trazem uma perspectiva diferente daquela que foi divulgada amplamente pela mídia vinculada ao governador na época da inauguração do bairro. Lobo et al. (1987) explicita que a fotografia era utilizada como instrumento de propaganda política, pois transmitia um sentimento de convicção da vitória. Ao ver as matérias da Tribuna do Norte, é perceptível que as fotografias e matérias foram utilizadas nesse sentido de construir uma narrativa política, favorecendo a propaganda do governador Aluísio Alves.

Percebemos nas narrativas das professoras que foi preciso ajuda da comunidade escolar, que essa interação se tornou uma cultura do bairro, criando uma rede de apoio e sociabilidade específica desse local. No entanto, é imprescindível olharmos para esse fato não apenas do ponto de vista positivo. Essa cultura peculiar, na qual as pessoas se ajudavam – e talvez se ajudem até os dias atuais –, é um fator importante para a construção da identidade do bairro e de seus moradores. Mas, se precisou de tantos ajustes e de tanto apoio da comunidade, onde estava o poder público? Será que a Cidade da Esperança era mesmo o conjunto habitacional perfeito, como divulgado na mídia?

Em certo momento, Maria Eunice responde indiretamente a essa pergunta. Em meio aos seus pensamentos, ela falou:

Tinham muitas dificuldades nas escolas, mas que permanecem até hoje, por exemplo, falta material, sei que está melhor, mas falta material. Às vezes a gente não tinha uma folha de papel. Para os meninos fazerem um trabalho ou uma prova, a gente tinha que fazer campanha. Assim como a gente fez a campanha do muro, isso é uma coisa que o Estado não devia ter feito, soltado aquele colégio ali, no meio do nada. Mas soltou e a gente veio, então tinha que trabalhar mesmo. (TAVARES, 2023)

Assim, embora reconheça o papel das campanhas, mutirões e união da comunidade escolar, a professora olha para trás e percebe que talvez não fosse a hora de iniciar o bairro, colocar aquela escola sem ter um apoio maior do poder público. E a reconhece dentro dessa dinâmica, percebendo que o que ela poderia fazer, era trabalhar apesar das circunstâncias. Isso nos permite perceber que o bairro, na verdade, não estava completamente pronto para ser habitado por tantas famílias. A comunidade precisou enfrentar problemas de estrutura, falta de material e, inclusive, de quantidade de escolas, que não foi suficiente por muito tempo, o que levou às professoras a trabalhar com classes superlotadas.

Percebemos, assim, que as professoras enfrentaram essas dificuldades em conjunto com a comunidade escolar, mas encontraram apoio umas nas outras, tendo essa parceria no trabalho, se tornado um laço de amizade até os dias atuais. Nas entrevistas, elas retomam esse apoio e as afetividades do cotidiano. Na Imagem 2, vemos as professoras reunidas na sala dos professores, local de socialização, na qual estão comemorando o Dia das Mães, sendo a maioria delas mães e trabalhadoras.

Imagem 2 – Professoras em comemoração na sala dos professores do Raimundo Soares em 1967



Fonte: Acervo pessoal de Maria Elsa Marques.

Os laços afetivos desenvolvidos entre as professoras foram fundamentais para desempenhar a profissão docente, uma vez que a escola é, para além de um ambiente de aprendizagem, um espaço de construção de relações interpessoais e afetivas. Goodson (2022) argumenta que o espaço escolar promove a socialização e coletivização, sendo esses fatores expressos na interação com os alunos, assim como entre os professores, dentro e fora da sala de aula. Desse modo, essas interações são parte significativa na memória coletiva dessas professoras, que trazem em suas falas essas experiências, as conexões afetivas e emocionais e as vivências compartilhadas no espaço escolar, aparecendo em suas narrativas como essenciais ao fazer docente. Como na fala abaixo:

Naquela época, faltava muita água, era a pessoa acordando de madrugada porque a água vinha em determinado horário. Hoje não, água é todos os dias, aqui não falta água. Transporte, farmácia, comércio, aqui tem tudo. Se você precisar de um parafuso, vai ali e compra. Tinha uma mercearia ali que o homem vendia aquele rolo de mortadela, eu comprava muito para tomar com guaraná, a merenda vinha pão, eu colocava e passava a fome. Depois tinha pão com manteiga. E o café dos professores, que a gente mesmo comprava, a gente se reunia e comprava. Sempre houve isso. Aqui sempre foi uma família. Muitos professores... sua avó,

Porpino, Dalvanira. Tudo morava aqui. Mesmo as que não moravam, a gente sempre se reunia, tinha festa junina. Tinha uma festa ótima na escola. Eu vinha, dormia na casa de Porpino. Era tão frio, porque era só mato aqui, não tinha nem o Castelo, era tudo mato até Potilândia. (ALBUQUERQUE, 2023)

Ana Maria Albuquerque estava relatando os problemas que identificava no bairro na época em que era professora e ainda não residia na Cidade da Esperança. Conforme lembrava dos problemas, relembrou suas amigas, professoras, que a ajudaram a enfrentar essas dificuldades e como esse companheirismo aparecia nas sutilezas do cotidiano, com o lanche que elas mesmas traziam para comer juntas. Essa narrativa evidencia mais um dos problemas do bairro: o isolamento e a distância em relação aos outros bairros e, em especial, ao Centro da Cidade.

As professoras falam a partir do saber da experiência que, para Larrosa (2014), acontece na relação da vida humana e do conhecimento. Sendo assim, compreendemos que os conhecimentos das professoras são intrinsecamente ligados à sua vida cotidiana, bem como às relações que elas estabelecem entre si. Ou seja, elas aprenderam umas com as outras a partir dessas interações, não apenas conteúdos teóricos, mas também saberes da vida, que impactam na sala de aula. Para Tardif (2014), os saberes da experiência possibilitam o desenvolvimento de um ensino em um contexto com interações múltiplas e, assim, as professoras não atuam sozinhas, mas a partir da interação com outras pessoas. A partir da Imagem 3, propomos uma reflexão sobre a interação das professoras com as famílias do bairro e sobre o que a educação superior significou para elas.

No álbum de família, de acordo com Borges (2003), é possível encontrar a representação dos papéis sociais e é uma forma de instituir a memória com os familiares, sendo uma recordação e uma forma de preservar a memória da família. Em um álbum, encontramos fotografias com amigos próximos, como Seu Nascimento, Dona Mariquinha e seus filhos, que estão presentes na imagem acima. Ao perguntar quem eram essas pessoas na fotografia, ela respondeu que eram amigos que, aos poucos, tornaram-se parte da família. Ao apontar para a foto, ela recordou que os conheceu na Cidade da Esperança, assim que se mudou para o bairro. Os filhos deles foram seus alunos e, desde então, tornaram-se amigos. Essa proximidade entre eles reitera mais uma vez o cenário de família que é possível observar no bairro da Cidade da Esperança. A

Imagem 3 – Formatura em Pedagogia da professora Maria Eunice (1986)



Fonte: Acervo pessoal de Maria Eunice.

professora Celeste, quando conversamos sobre seu sentimento ao rever colegas de profissão ao andar pelo bairro, trouxe a mesma perspectiva.

Muito importante isso também, a gente vê as nossas amigas, tanto a parte boa como a ruim, né? Mas a gente está ali, como uma família de que eu falo sempre. A família sempre vem, embora seja destroçada, a grande família, mas sempre estamos ali presentes. A gente se incomoda, a gente se preocupa uma com a outra, o que acontece, entendeu? Isso fica! (ABREU, 2023)

A partir das vivências e dos problemas do dia a dia, foram se aproximando e essa cultura familiar foi se instalando. Chamamos de cultura, pois a concebemos, consoante Pesavento (2012), como “[...] uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa” (p. 10). Assim, quando as professoras trazem em suas narrativas uma relação familiar entre os moradores do bairro, é possível perceber que existem em suas memórias individuais princípios que são orientados a partir do grupo social no qual estão e estavam inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer a história de vida de professoras é uma reflexão primordial para pensar a nossa história da educação e para a formação de professores, considerando aqueles que a fazem cotidianamente. A partir da perspectiva de olhar para o professor, para o profissional, seu cotidiano e sua identidade, é possível refletir sobre a formação docente por meio de quem construiu a educação no chão das escolas.

O cruzamento entre as fotografias e narrativas nos possibilitou ir além de uma visão focada em documentos oficiais, além da visão do Estado, quando foi observado, por exemplo, o uso político da fotografia na Tribuna do Norte, colocado em oposição aos relatos das professoras acerca da realidade enfrentada e das fotografias que mostram a coletividade do bairro e até mesmo o muro da instituição em construção.

Existem semelhanças na discussão entre a fonte oral e a imagem como fonte histórica. Toda e qualquer fonte tem a possibilidade de ser questionada pelos pesquisadores e apresenta um potencial significativo para a pesquisa, especialmente na história, já que permite explorar assuntos que foram pouco estudados até então, com a singularidade da interlocução, possível na experiência com as fontes orais.

Para Goodson (2022), ao ouvir a voz do professor, por meio do trabalho com histórias de vida, é possível ter acesso a *percepções* sobre movimentos que foram importantes para a educação. Como nas narrativas das professoras da Cidade da Esperança, nas quais foi possível tecer relações entre a cultura do bairro e a atuação das profissionais, a partir de uma escuta atenta e do cruzamento das fontes.

As reflexões sobre a identidade profissional do professor serem coletivas e não solitárias, bem como sobre o acolhimento da experiência do outro como uma forma de refletir e ressignificar a própria prática, permitiram-nos refletir sobre a formação das professoras da Cidade da Esperança, enquanto elas construíram sua identidade docente coletivamente, e em suas narrativas destacam essa perspectiva, falando de momentos que vivenciaram juntas, como aulas, planejamentos e formações. Um ponto convergente entre elas foi o termo utilizado para se referirem ao relacionamento com as outras e com os alunos: “família”.

Portanto, percebemos que as professoras tinham uma relação direta com a comunidade do bairro da Cidade da Esperança, tanto como profissionais atuantes no bairro por meio da instituição escolar quanto como moradoras do

bairro, sendo parte da comunidade. Elas vivenciavam os mesmos problemas, participavam e buscavam solução em conjunto com os estudantes e famílias, e viviam seu dia a dia no mesmo contexto de seus alunos. Na mesma linha, ver essa construção da identidade docente de forma coletiva nos possibilita refletir sobre a nossa prática enquanto professoras, que é, ao mesmo tempo, um conjunto de tudo que vivemos e experienciamos.

Em investigações futuras, pretendemos nos aprofundar nas diversas formas de resistência e enfrentamento à realidade por meio da docência. Isso inclui a exploração de como as táticas cotidianas das professoras possibilitam uma compreensão mais detalhada sobre a ação docente e o ser docente, revelando as nuances e os desafios enfrentados diariamente na profissão. Além disso, planejamos revisitar reflexões sobre a relação entre a história pública e a educação, com ênfase no caráter formativo das entrevistas públicas para reflexões mais amplas sobre a pesquisa educacional. A partir das discussões sobre as narrativas docentes, emergem múltiplas possibilidades de estudo no campo da história da educação, da formação docente, bem como da história pública e da história oral. Tais estudos têm o potencial de abrir novas perspectivas sobre o papel do educador e a relevância de suas práticas na construção do conhecimento histórico e educacional.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

ABREU, Celeste Maria Morais de. Entrevista realizada no contexto da pesquisa “Memória e biografias de professoras: narrativas com educação, cidade e vínculos da existência (1966-1990)” vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFRN), 2023.

ALBUQUERQUE, Ana Maria. Entrevista realizada no contexto da pesquisa “Memória e biografias de professoras: narrativas com educação, cidade e vínculos da existência (1966-1990)” vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFRN), 2023.

COSTA, Maria Elsa Marques. Entrevista realizada no contexto da pesquisa “Memória e biografias de professoras: narrativas com educação, cidade e vínculos da existência (1966-1990)” vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFRN), 2023.

TAVARES, Maria Eunice de Carvalho. Entrevista realizada no contexto da pesquisa “Memória e biografias de professoras: narrativas com educação, cidade e vínculos

da existência (1966-1990)” vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFRN), 2023.

Bibliografia

- ARAÚJO, Felipe Tavares de. *A argamassa da casa e do conflito: os usos políticos da construção da Cidade da Esperança feitos pelo grupo aluizista (1964-1966)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Natal, RN, 2008.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. Tradição e modernidade na mira dos fotográficos. In: *História e fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CAUVIN, Thomas. *A textbook of Practice*. New York, NY: Routledge, 2019.
- DELGADO, L. A. N. *História Oral: Memória, tempo, identidades*. Versão para Kindle. 2017.
- FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital e vice-versa. In: MAUAD, A. M. ALMEIDA, J. R. SANTHIAGO, R. *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- GOODSON, Ivor. *A vida e o trabalho docente*. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- LOBO, Lúcia Lahmeyer et al. A fotografia como fonte histórica: a experiência do CPDOC. *Acervo, Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun., 1987, p. 39-52.
- LOWENTHAL, David. *The past is a foreign country*. Cambridge: University Printing House, 2015.
- MAUAD, Ana Maria. Usos do passado e História pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). *História Crítica*, n. 68. Departamento de História. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de los Andes, 2018.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Fátima Maria de. *Do “trem da esperança” à Estação das “Ruas Verdes”*: o bairro cidade da esperança no imaginário dos moradores. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. Tradução de Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- SANTAELLA, Lucia. *Leitura de Imagens*. Edição digital. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo. SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRIBUNA DO NORTE. Quando a “gentinha” ganhou casa. Natal, RN: 2006. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/quando-a-gentinha-ganhou-casa/337>. Acesso em: 19 set. 2017.
- TRIBUNA DO NORTE. Cidade da Esperança retoma ritmo de Brasília para ser inaugurada no dia 30. Ano XVII, n. 496. Natal, RN: 1º de janeiro de 1966.
- VIDAL, D. G.; SILVA, J. C. S. *Intérpretes do passado e do presente: a arte de historiadoras da educação e arquivistas*. History of Education in Latin America – HistELA, 2020.

NOTAS

¹ As professoras entrevistadas autorizaram o uso de seus nomes para a pesquisa.

² A fundação que atuou como órgão local na construção do conjunto habitacional da Cidade da Esperança, sendo responsável pela organização e fiscalização, juntamente com a verba oriunda dos Estados Unidos por meio do programa Aliança para o Progresso e com a intervenção da Sudene.



Artigo submetido em 27 de dezembro de 2023.
Aprovado em 9 de julho de 2024.